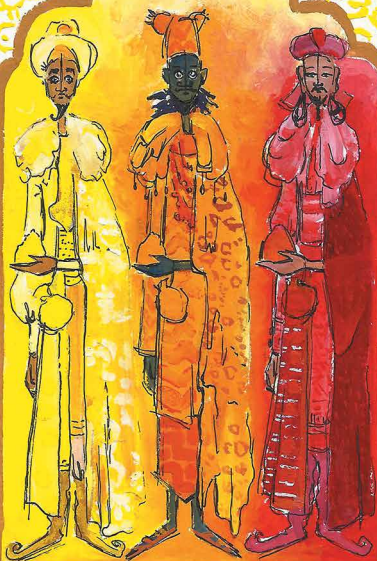


Só Livro Bom



Historic Completo dos Três Reis Magos



Ana Paula Arendt *imagens de* Luíza Costa Manhães

A História Completa dos Três Reis Magos

Ana Paula Arendt *imagens de* Luíza Costa Manhães

BRASÍLIA
2016



Capa e Ilustrações:

Luíza Manhães

Projeto Gráfico:

Railssa Alencar

Diagramação:

Ars Ventura Imagem e Comunicação

Revisão:

Francisco Merçon

Impressão:

Gráfica Prudentópolis

Agradecimento:

Itamaraty

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A727h

Arendt, Ana Paula, 1980-

A história completa dos três reis magos / Ana Paula Arendt ; ilustração Luíza Manhães. - 1. ed. - Brasília, DF : Só Livro Bom, 2016.
88 p. : il. ; 15 cm.

ISBN 978-85-920755-2-1

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Manhães, Luíza. II. Título.

16-30715

CDD: 028.5

CDU: 087.5

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt

E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com

Site: www.anapaulaarendt.com

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

*Aos meus filhos, às crianças que
gostam do Natal, e à meninada
que andou nascendo.*

One Pauler prent





ra uma vez três reis, que se chamavam Melquior, Baltazar e Gaspar. Todos sabem que, na Bíblia, está escrito que os três reis magos encontraram uma estrela, interpretaram que havia nascido um grande rei e, orientando-se pelo céu, resolveram buscá-lo. Assim eles teriam encontrado Jesus pouco depois do seu nascimento, e lhe oferecido três presentes: ouro, incenso e mirra.

Vocês sabem, o nascimento de Jesus é comemorado todo dia 25 de dezembro, no Dia de Natal. E o dia dos Reis Magos é doze dias depois, no

dia 6 de janeiro, quando também tem uma festa: festa da Epifania.

Mas a história de cada um deles é muito mais longa que isso. De modo que vou contar a vocês quem eram os três Reis Magos e como efetivamente chegaram até Jesus. Uma história fictícia real.

Melquior é um nome que significa "Rei da Luz".

Baltazar significa "Que o Deus proteja o Rei".

E Gaspar quer dizer "Fortuna".

Embora todos os três nomes tenham origem persa, babilônica e assíria (três grandes reinos naquele tempo de Jesus), cada um dos reis magos reinava em espaços distintos.

Quando jovens, Melquior, Baltazar e Gaspar eram príncipes nobres que governavam cada qual uma região. Melquior governava um grande reino

no Oriente Médio; Baltazar, um grande principado no Norte da África; e Gaspar, apesar de ter sido educado por um sábio persa, era rei na região mais distante das Índias, no Oriente longínquo.

Melquior havia estudado muito e, além disso, era também um ótimo espadachim. Ele tinha uma biblioteca enorme, recheada dos grandes livros e célebres escritos de diversas tribos árabes; era um profundo conhecedor de astronomia, do comportamento das estrelas, e tinha ele mesmo produzido um mapa do céu. Como era um príncipe, também teve que aprender e estudar muito a arte da guerra para proteger seu reino de invasões estrangeiras. Conhecia todas as técnicas de defesa militar, e se valia do movimento dos astros e das estrelas para enfrentar exércitos inimigos que tentavam invadir seu reino.

Certa vez, ele planejou acompanhar incógnito a marcha de um exército até que os invasores descansassem em uma noite de lua nova, quando a escuridão no deserto era completa, e, prevendo uma tempestade de areia naquele dia, ordenou aos seus soldados que se preparassem. Assim, aproveitando-se da escuridão e da impossibilidade de acender fogueiras e luminárias, por causa da tempestade, ele derrotou o exército inimigo durante a noite, com uma enorme facilidade.

Todos naquele reino do Oriente Médio respeitavam muitíssimo Melquior. Afinal, tudo o que ele desejava era paz para o seu povo e, além disso, nunca incomodar seus vizinhos.

Contudo, houve um dia muito infeliz, ocorrido após a vitória sobre um exército que marchava contra ele. Melquior deparou-se com uma situação muito

inesperada. O general a que Melquior havia confiado a guarda do batalhão de espadachins, depois de ter capturado o exército inimigo, mandou executar cada um dos guerreiros aprisionados, da maneira mais cruel possível: por decapitação. Aconteceu que o general e seus soldados estivessem bêbados, não só de vinho, mas especialmente da euforia da vitória. Gritavam e cantavam a sua superioridade sobre aqueles bárbaros invasores.

Melquior estava também comemorando com seus soldados em uma tenda, quando foi convidado pelo general a ver o exército inimigo capturado, enquanto lhe serviam uma taça do melhor vinho. Mas, quando viu o exército inimigo amontoado, e os corpos jazendo em uma pilha no chão, deixou cair a taça. Melquior engoliu em seco. Nunca em sua vida havia visto nada tão cruel nem devastador. Os soldados,

comemorando, achando que aquela era a maior vitória de todos os tempos, não se aperceberam do choque que aquela decisão infeliz havia causado em seu líder. Repletos de álcool e embebedados com a ilusão do poder, não percebiam que eles haviam se tornado tão bárbaros quanto os invasores a quem eles acusavam de barbárie.

Melquior se afastou cobrindo o rosto.

Prometeu para Deus que nunca mais beberia vinho. Abandonou seu reinado, tomou seus livros, e foi viver em um lugar distante, onde nunca mais ninguém o achasse.

Com o desaparecimento de Melquior, os soldados, que lhe eram muito fiéis, suspeitaram que o general o havia envenenado com o vinho. Executaram ele ali mesmo, junto com os soldados inimigos. E elegeram um outro rei.

Melquior vivia isolado e, para não morrer de desgosto, decidiu dedicar-se inteiramente aos seus livros de astronomia. Aonde ele foi morar, ninguém conhecia de sua história. Então as famílias e pastores beduínos que ali moravam referiam-se a ele apenas como "O sábio" ou "O mago".

A história de Baltazar também era parecida com a de Melquior.

Baltazar era um rei alto, de pele escura, forte e majestoso. Governava todos os povos do Norte da África e era muito famoso por conseguir sempre resolver problemas entre tribos inimigas; ele sempre encontrava uma maneira de inventar soluções criativas para resolver disputas que muitos supunham insolúveis, entre inimigos de longa data. Como resultado, Baltazar era cada vez mais consultado para resolver querelas



e brigas, dado que era respeitado como um rei muito sábio.

Mas, para além de ser sábio, ali naquela região, era também preciso ser um forte guerreiro, para ser aceito como um homem digno de governar, pois nas batalhas o rei lutava ao lado dos seus soldados.

Ocorre que Baltazar, além de ser um governante sábio e de ser um excelente guerreiro, era também um homem muito bonito.

De fato, as mulheres gostavam muito dele. Era uma grande dificuldade para ele lidar com tantas mulheres que se aproximavam apaixonadas. Mas o que fazia com que todos se admirassem dele era o fato de que, mesmo sendo Rei e guerreiro, Baltazar era extremamente gentil com as mulheres, para não dizer um pouco tímido. Cada mulher que se aproximava

dele era tratada como uma flor rara. Ele se dirigia a cada uma delas com enorme respeito e gostava de ouvi-las; era, de fato, um rei muito excêntrico para aquele tempo, quando se supunha que nenhuma mulher poderia ter pensamentos interessantes.

Mas Baltazar gostava muito de ouvir a opinião das mulheres que se aproximavam dele, e as tratava com muito carinho. Aliás, isso às vezes lhe trazia uma certa dificuldade, pois ele acabava tendo de lidar com ciúmes e dar atenção várias delas.

Uma delas, em particular, que se chamava Jezebel, completamente apaixonada e dedicada a Baltazar, queria muito não só namorá-lo, mas se casar com ele. Baltazar, entretanto, sendo um rei muito dedicado, pouco tempo tinha para encontrá-la e namorá-la. Além disso, também evitava estar com ela em

público, pois tinha receio de que as outras mulheres tivessem ciúmes e viessem a prejudicar Jezebel. Como Jezebel era versada nos códigos e na escrita daquela região, Baltazar a chamou para ser parte de seu conselho consultivo, a fim de que ficasse próxima a ele.

Um dia, em viagem a uma terra próxima, quando na ocasião se encontrava com chefes de outras tribos, Baltazar conseguiu concluir com sucesso um acordo de paz, graças a seu carisma e seriedade, e também, à ajuda e apoio incondicional de Jezebel. Voltou ansioso para casa. Queria encontrá-la, pois com a paz supunha que poderia finalmente pedir-lhe a mão em casamento.

Jezebel, sendo apaixonada, mesmo sabendo da tolerância de Baltazar a que buscasse outra pessoa em uma época na qual as mulheres não tinham nenhuma liberdade, tentava escapar

de todos os pedidos de casamento de outros homens, já que ela também era muito bonita. Usava sempre vestidos claros, que davam um lindo contraste com a sua pele perfeita e escura, e que combinavam com seu sorriso belíssimo e espontâneo.

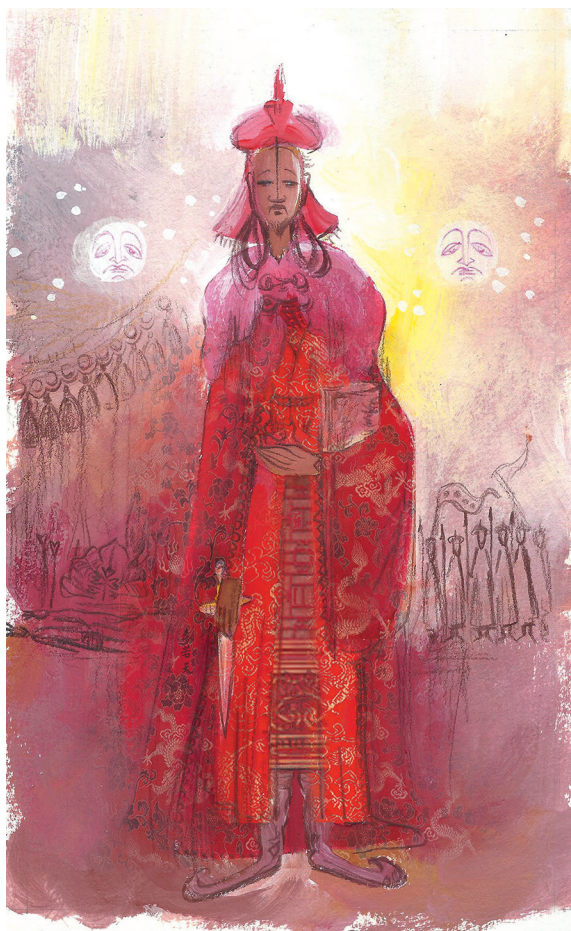
No entanto, quando soube da volta de Baltazar, e tendo Jezebel ocorrido até o Palácio para aguardar a sua chegada, um grupo de mulheres, sabendo do carinho especial de Baltazar por Jezebel, foi tomado de ciúmes. Eles se reuniram e fizeram um terrível plano para desfazer qualquer possibilidade de casamento entre os dois. Enquanto Jezebel subia as escadas do Palácio, pediram que um criado levasse óleo quente até o andar térreo muito rapidamente. É claro que, como cada qual subia e descia as escadas com afã e pressa, aconteceu o acidente tão esperado pelas

mulheres. O óleo quente cobriu todo o rosto e corpo de Jezebel, desfigurando toda a sua beleza. Jezebel passou muito mal e teve de ser atendida às pressas pelos médicos daquela época, que nada sabiam de primeiros socorros. Com os ferimentos, Jezebel faleceu.

Quando Baltazar chegou, perguntou por Jezebel. Como ninguém respondeu, ele teve de descobrir por conta própria o que havia acontecido com ela. A sua infelicidade não poderia ser maior em ver o corpo de Jezebel coberto por um véu e por perfumes. Beijou-a por cima do fino pano que recobria seu corpo perfumado. Deu a ela um funeral digno de uma rainha, chefe de Estado. Enquanto chorava e ouvia desculpas dos seus criados, logo ficou claro para ele que não se tratava de um acidente aleatório. A morte de Jezebel havia sido resultado de ciúmes e de inveja na corte.

Deixou a corte, o seu reino. Foi viver no deserto como beduíno. O seu desgosto era grande demais e ele já não tinha mais vontade nem forças para governar. Ele se instalava em tendas, e mudava-se com frequência com seu camelo. Os beduínos sempre vinham lhe pedir auxílio para resolver disputas menores, como, por exemplo, que método deveriam utilizar para dividir a comida ou para calcular a taxa de juros de um empréstimo entre irmãos. Baltazar, que era um grande rei, sabia da importância de resolver todo tipo de querela, em especial, as pequeninas, para que as pessoas pudessem viver em paz. Então isso o consolava.

A história de Gaspar também é muito parecida com a história de Melquior e de Baltazar. Talvez, por acaso, mas no mundo dos Magos raramente existe o acaso.



Gaspar era um príncipe que reinava nas terras distantes entre a Índia e a China. Como havia viajado toda aquela região, conhecia sânscrito e todos os ideogramas daquelas línguas asiáticas. Foi Gaspar quem levou os ideogramas chineses para o Japão e lá aprendeu o código de honra dos samurais. O sonho dele era de que o Grande Oriente se tornasse a região mais pacífica do mundo. Para isso, ele achava que era fundamental que todos pudessem se comunicar usando uma linguagem comum ou ao menos parecida, e também que pudessem compartilhar as mesmas histórias e contos para que as pessoas, aproximando-se, confiassem mais umas nas outras, mesmo sendo de impérios e de reinos diferentes.

E, tendo viajado tanto pelo Oriente, Gaspar era muito, muito culto. De tanto saber, dizia-se que, tendo aprendido

técnicas orientais, conseguia viajar o mundo inteiro sem sair do lugar. Naquela época, não havia Internet. Como se sabe, a Internet funciona por meio de acesso computador a computador, até se chegar a qualquer conteúdo que você quiser. Mas, naquela época, Gaspar desenvolveu uma técnica extraordinária de viajar de pessoa a pessoa, só por meio do pensamento, aprendida com monges budistas. Além de conseguir ver por meio dos olhos de um soldado, de um general, de uma cozinheira ou até mesmo de um cavalo, ele conseguia se transportar com sua mente! Bastando para isso um pouco de meditação.

Num certo dia, depois de ter aprendido todo o código de honra dos samurais, onde hoje é o Japão, Gaspar recebeu uma carta, e soube da morte de seu pai. Teve então de retornar até a sua terra, onde deveria ser consagrado o próximo

Imperador. Gaspar foi a cavalo, muito, muito entristecido.

Seu pai era um homem muito sábio, famoso em todo o reino por viver se alimentando diariamente com um único grão de arroz. Do pai, ele havia aprendido que um único grão de arroz pode fazer pender uma balança para um ou para o outro lado, assim como pode também restaurar o equilíbrio entre dois pesos. Seu pai havia não só ensinado, mas vivido esse sábio ditado, para sempre recordar a todos no Reino que um Imperador justo deve dar atenção sobretudo ao mais pequeno dos súditos. Gaspar tinha dúvidas se poderia ser um Imperador tão sábio quanto seu pai, e sentia muito o peso de ter de substituí-lo.

Chegando na sua cidade, contudo, Gaspar foi surpreendido por uma grande rebelião. Um grupo de oficiais leais a seu pai parecia convencido de

que o filho jamais poderia ser a nova fonte de honra e de justiça do Reino. O fato de Gaspar ter passado tanto tempo viajando havia levado os oficiais a essa conclusão: reclamavam que ele passava muito tempo confraternizando com samurais, sahibs e até ulamas, que seriam, na visão deles, as maiores ameaças àquele grande império.

Os oficiais barraram a entrada de Gaspar e de sua comitiva, e estabeleceram um novo governo. Expulsaram-no de sua própria casa.

Humilhado, Gaspar pensou em cumprir com o que, na visão daquele povo, era necessário para resguardar a honra de sua família: o "harakiri".

Mas os oficiais não sabiam que Gaspar estava a ponto de dar fim à sua vida; achavam que ele voltaria para retomar o seu trono. Então, sem saber que as intenções de Gaspar concorreriam

para a resolução de seus temores, mandaram executar todos os seus familiares e seus amigos mais próximos, para aterrorizar a todos os demais e garantir que ninguém mais no Reino lhe seria leal ou o ajudaria a recuperar seu lugar como Imperador.

Ironicamente, como não havia mais familiares, não havia mais honra da família a ser resguardada. Então Gaspar não poderia se suicidar. Mas ouviu a notícia da morte de todos os seus familiares com ainda mais desgosto. E agora que não tinha mais sequer como cometer o "harakiri", além da humilhação, teria que lidar com a imensa dor da perda de toda a sua família.

Fechou-se em meditação e, tentando manter viva a sua chama interior, concluiu que toda aquela conjunção de desgraças deveria significar que alguma tarefa consideravelmente importante

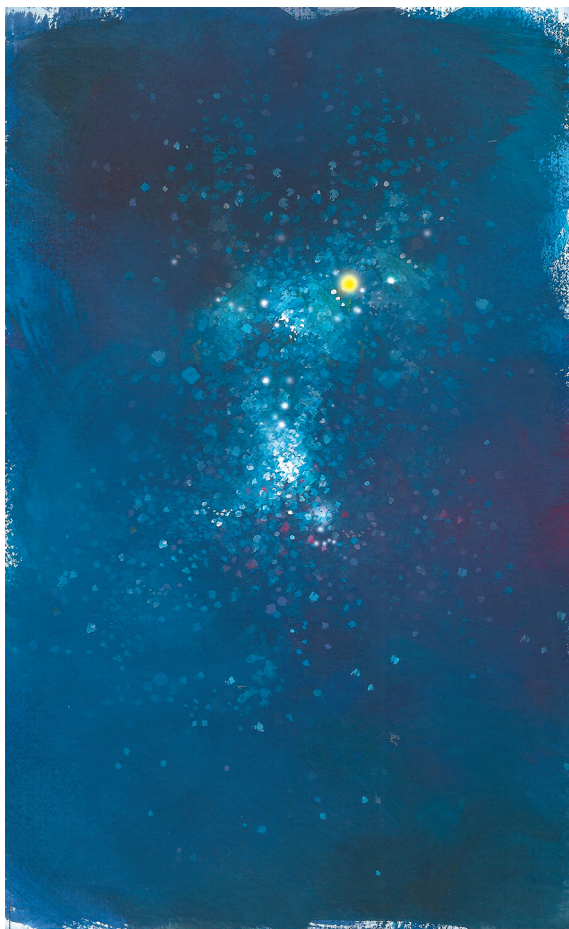
ainda lhe aguardava. Nada mais justificaria tanto sofrimento! Abandonou todos os seus bens e seguiu seu caminho, estabelecendo-se em uma pequena loja de perfumes, nos arredores de uma pequena cidade às margens de um rio importante, por onde passavam muitas pessoas. Ele se consolou, porque elas se encantavam e recobravam os sentidos com os perfumes que ele humildemente produzia.

Ali, naquela cidade, Gaspar viveu como seu pai: comendo um único grão de arroz por dia. Em profunda meditação, relaxava vendo as ondas da água pura movimentando-se em um riacho cristalino, como um peixe; sentindo os odores perfumados que os ventos e as monções lhe traziam; cozinhando para os velhos senhores e senhoras migrantes que passavam por perto de sua loja sem ter o que comer. Embora ninguém

mais soubesse quem ele era, e algumas más línguas o condenassem, todos ali o respeitavam e o queriam por perto no fundo de seus corações.

Numa manhã do primeiro mês do ano, Melquior, Baltazar e Gaspar, cada um sem saber da existência do outro, em cantos muito distantes do mundo, sentaram-se e respiraram o ar fresco, antes de que o sol raiasse. Olharam para o céu estrelado. Gaspar sentiu uma brisa com um perfume diferente, Baltazar sentiu seu corpo tremer e Melquior, olhando para o céu, teve seus olhos novamente preenchidos por aquela sensação de curiosidade que não sentia há muito tempo. Logo os magos viram no céu a mesma luz de uma estrela.

Os três Reis Magos, tendo vivido já há algum tempo isolados junto aos livros e imersos na natureza, haviam



aguçado, é claro, muito mais ainda a sua percepção. Eles podiam sentir um passarinho bater asas do outro lado de seus vilarejos, e sabiam reconhecer os sentimentos e as almas das pessoas que passavam ao longe. Sabiam onde havia guerra, inalando uma simples brisa, e podiam, viajando em sonho, demover tiranos de invadir terras desconhecidas. Ainda assim, viviam ali em roupas simples, da maneira mais humilde possível, porque assim é que se sentiam bem. Então, nada mais natural que percebessem imediatamente o surgimento de uma nova estrela na esfera celestial, tão logo ela surgisse.

Cada um pensou consigo o que significava aquele novo evento. Melquior foi buscar respostas em seus livros mágicos. Baltazar apurou seus ouvidos ao burburinho dos viajantes. Gaspar foi observar as pétalas de uma cerejeira caindo.

Logo descobriram, cada qual conforme seus próprios meios e talentos, que aquela nova estrela era uma mensagem divina: e que aquela mensagem era alvissareira, pois significava o nascimento de um Grande Rei.

Sem maiores delongas, arrumaram suas túnicas. Separaram cada um o melhor do que tinham para presentear o Novo Rei. E, sem saber, tiveram os três a mesma ideia: vestiram-se em trajes de mendigos. Levaram, claro, suas finas roupas em suas bolsas, para poder ser recebidos na corte do Novo Rei e felicitá-lo. Melquior e Gaspar partiram em seus cavalos, Baltazar em seu camelo. Logo chegaram ao mesmo lugar valendo-se de seus mapas.

Como se sabe, os mapas dos magos não são mapas comuns. Cada mago desenvolve uma relação própria com o divino e o mundano e, dessa forma,

tem o seu próprio mapeamento de eventos mágicos relevantes. Assim, Melquior foi se guiando pela posição e ângulos com que a estrela se movia, para traçar a rota exata que deveria cumprir. Baltazar foi se guiando por palavras que divinamente se repetiam na boca de um ou outro viajante. Gaspar observava na natureza uma sinalização inconfundível de tapetes de flores, revoadas de pássaros e árvores retorcidas, indicando precisamente a direção. Então os três mapas conduziram aqueles três magos ao mesmo lugar: Jerusalém.

Entrando na cidade, tiraram seus chapéus para observar a beleza indescritível daquele lugar. Depois de contemplá-la, decidiram parar em uma estalagem. Os três magos entraram na mesma estalagem, no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo exato segundo.

Informaram-se com o estalajadeiro, com a esposa do estalajadeiro e com a filha do estalajadeiro ao exato mesmo tempo, e souberam que o Rei daquela região se chamava Herodes. Planejavam então se trocar ali, ir até o Palácio, cumprimentá-lo e revelar cada um sua identidade e o propósito da visita. Quando pararam no balcão para reavivar-se com uma bebida refrescante, já bem vestidos, o estalajadeiro compartilhou com eles o que já sabia: que os três então iriam visitar o Rei Herodes.

Logo pelo olhar os Reis Magos se reconheceram. Alegraram-se e regozijaram-se como não faziam há tempos; trataram-se como se fossem velhos conhecidos rumo à maior de todas aventuras.

Como eram Reis Magos, é lógico que não teriam o trabalho de ir até uma terra distante sem antes conhecer minimamente a língua e os costumes locais.

Cada um deles tinha textos distintos que haviam sido utilizados para aprender o aramaico e entender o Reino que estavam indo visitar. Na ida até o Palácio de Herodes, foram conversando na maior algazarra, trocando ideias, rindo, partilhando tudo o que tinham e observando as diferenças daquele lugar.

Então chegaram ao Palácio, animadíssimos, como se tivessem feito a viagem inteira juntos, rumo a conhecer um Quarto Rei Mago.

– É nossa missão preservá-lo da crueldade e da insanidade dos homens – dizia Melquior.

– Temos que encontrar e proteger uma Rainha para Ele, uma virgem puríssima, inviolável! – dizia Balthazar, o mais romântico.

– Correto, mas vamos acima de tudo nos encarregar de preservar a família e os amigos Dele – dizia Gaspar,



como se estivesse prestes a reencontrar sua própria família.

Estavam convencidos de que o Novo Rei Mago era o mais poderoso e valeroso de todos eles. Afinal, supunham que o Rei Herodes havia conseguido reunir eles três, àquela distância! Era certamente um rei que congregava todas as grandes virtudes divinas, toda a sabedoria do universo! Talvez estivesse até aguardando-os na porta, um Rei que certamente tinha desvendado todos os segredos celestiais, da natureza, do tempo!

Então, começaram a correr com seus cavalos e seu camelo para ver quem chegava primeiro. Estavam tão felizes como meninos, rindo e gracejando!

Mas quando chegaram ao Palácio do Rei Herodes, quase atropelando os guardas do portão, esbaforidos e sorridentes, perceberam que não estavam

sendo esperados, nem nada. Então se recompuseram.

– Viemos ver o maior Rei de todos os tempos! – falou Gaspar pelos três.

Os guardas, impressionados com as vestes majestosas daqueles três Reis excêntricos, para dizer o mínimo, já que não tinham *ménagerie*, *entourage*, nem outros séquitos típicos da época, deixaram-nos entrar e os fizeram anunciar.

O Rei Herodes, soturno e em audiência pública, pressionado por judeus, romanos e por outros povos que passavam por ali, ficou impaciente com aquela visita sem aviso prévio. Mau-humorado, mandou que os três Reis Magos entrassem. Não tinha a menor curiosidade nem interesse de saber quem eram esses três loucos.

Quando entraram, contudo, a presença imponente dos Reis o impressionou. Ninguém, é claro, teve coragem de



barrá-los ou colocar qualquer obstáculo à entrada deles. De fato, Herodes nunca havia visto Reis como aqueles. Tinham silhuetas belíssimas, expressões sábias e vozes exuberantes, que combinavam experiência, compassividade, sabedoria e uma chama de paixão acesa. Ele se ajeitou em sua cadeira. Levantou-se e, depois de olhar mais uma vez, desconfiado e com inveja do porte daqueles três homens notáveis, recompôs sua maneira de dirigir-se em público, e deu-lhes sorrindo as boas-vindas.

– Oh, sejam bem-vindos, muito bem-vindos... Bem-vindos ao meu humilde reino.

Os três Reis Magos lhe sorriram, entusiasmados. Beijaram-lhe a mão.

– Viemos cumprimentar o maior, mais sábio e mais notável Rei de todos os tempos.

Mas Herodes não se alegrou com o cumprimento daqueles três Reis Magos notáveis.

– Oh, claro, claro. Então... Quem é esse Rei, por favor, me digam, para que eu possa também adorá-lo...

Os três Reis Magos se entreolharam, confusos. Com o olhar, se comunicaram, achando que talvez estivessem diante do mais humilde Rei de todos os tempos e que de fato, talvez por essa virtude, não tivesse entendido.

Mas, olhando profundamente nos olhos de Herodes, perceberam que na verdade Herodes não aceitava esse título, não porque fosse humilde, mas porque estava atordoado com a possibilidade de que pudesse haver um Rei mais poderoso e notável do que ele naquela região. A insegurança de Herodes prontamente o denunciou como um rei pequeno, e os três Reis Magos,

constatando a insignificância da atitude de medo e inveja, olhando-se uns aos outros, tentaram esquivar-se daquela situação constrangedora.

Explicaram então a viagem deles, omitindo os detalhes, e dizendo a verdade: que uma estrela havia surgido no firmamento, e que o significado inequívoco era o nascimento de um Grande Rei.

Herodes não deu muita atenção a eles. Disse-lhes que eram bem-vindos, julgou inoportuna aquela história disparatada de novo rei todo-poderoso e todo-virtuoso, e despachou-os, sendo o mais atencioso possível. Ofereceu a eles um jantar ao cair da noite, voltando-se logo mais aos seus afazeres.

Os três Reis Magos entraram em seus aposentos conjuntos, puseram as mãos na cintura e perguntaram-se o que iriam fazer agora. Era de fato uma situação inusitada, dar-se conta

de que não estavam diante do Rei que esperavam.

No jantar, as coisas ficaram mais claras para os Magos, para a felicidade deles. Herodes, oferecendo-lhes boa bebida e comida, apercebendo-se do relativo desânimo dos Magos, tentou reavivar o interesse deles, notando que ele bem poderia se aproveitar da visita daqueles malucos para aumentar a sua fama, fazendo-se passar pelo Grande Rei que havia sido anunciado por uma estrela.



Todo cheio de si, contou aos Reis Magos o que era conhecimento comum ali: as escrituras sagradas de fato previam o nascimento de um Messias. Contou todas as suas pequenas realizações que, a seu ver, sinalizavam que ele, Herodes, era certamente um grande rei, e que com a vinda dos Reis Magos certamente seria consagrado o maior Rei de todos os tempos.

Aquele papo furado começou a incomodar os Magos, que comiam em silêncio. Estavam vendo aquela quantidade absurda de comida e se lembrando das famílias que viram passando necessidade, que eles mesmos ignoraram na sua corrida até o Palácio. Herodes começava a insistir para que Melquior bebesse do vinho daquela região. Mas, como se pode por bem recordar, Melquior não bebia álcool. Como ele se recusava educadamente, Herodes começou a provocá-lo.

Os Reis Magos então começaram a suspirar e se perguntar a que horas aquele jantar terminaria. Afinal, se um Rei precisa ficar dizendo que é Grande, é porque não é. Os três não tinham dúvida do equívoco que cometeram.

Sentiam-se desanimados e mareados.

Terminaram o encontro e disseram que partiriam cedo pela manhã. Como Herodes não conseguiu convencê-los, fingiu uma falsa modéstia: insistiu para que, assim que encontrassem esse Rei recém-nascido, que o avisassem imediatamente.

Os olhos de Baltazar imediatamente brilharam. Mas ele guardou silêncio. Quando saíram, cochichou, efusivo, para os dois outros Magos:

– Não é um Rei recém-empossado, mas, sim, um recém-nascido, ouviram?

Procuramos por um Rei adulto, mas estávamos errados, temos que buscar um Rei recém-nascido! A estrela surgiu com o nascimento físico dele, é óbvio!

Os outros dois Reis Magos não haviam ainda recuperado seu ânimo, mas acharam que a tese de Baltazar era efetivamente boa.

Chegando à estalagem, vestiram-se novamente de mendigos. Concor-daram que, se iam continuar procu-rando o Novo Rei, o fariam viajando "incógnito".

— Mas Ele têm de estar aqui — disse Melquior. — Eu calculo eventos há muitos e muitos anos, meus queridos amigos, e meus cálculos nunca me fa-lharam. Ele tem de ter nascido nestas redondezas.

Os dois outros Magos estavam de acordo que aquela era a região, mas àquela altura precisavam refinar seus

cálculos. Saíram em camelos, já que era um meio de transporte mais adequado para mendigos, e venderam os dois cavalos.

Procuraram durante semanas. Logo se espalhou a história dos três Reis Magos que vieram buscar o Novo Rei. A versão oficial do Palácio de Herodes era de que os três Reis Magos haviam vindo consagrá-lo o maior rei de todos os tempos. Mas, como eles eram Reis Magos, logo desconstruíram essa versão oficial em alguns poucos segundos, usando dos seus conhecimentos antigos e eficazes de governança e de segurança da informação. De modo que na região inteira se difundiu, somada aos textos sagrados, a vinda de um "Messias" recém-nascido, salvador do mundo.

Os Reis Magos resolveram aplicar-se ao estudo dos textos sagrados,

uma vez que não encontravam o menino. Viam vários bebês, mas nenhum sinal em especial que os distinguisse. Talvez ali, nos textos sagrados, estivesse a resposta que estavam buscando. E, de fato, os textos sagrados judaicos tinham algumas pistas. Diziam que o Messias viria de Belém, uma cidadezinha próxima. Foram até lá. Mas nada! Checaram os registros de recém-nascidos próximos à época do surgimento da estrela, mas havia muita criança. Além disso, os registros eram uma confusão: havia sido solicitado um Censo, e passaram por Belém várias famílias havia cerca de um ano. O Novo Rei poderia ter nascido ali somente de passagem e ido para qualquer outro lugar da região. Era impossível encontrá-lo!

– Não existe impossível em nosso vocabulário, meus amigos – disse Baltazar.

Os Reis Magos estavam decididos a encontrar o Novo Rei, e agora a fé deles havia sido renovada pela existência de textos sagrados que confirmavam que havia de nascer ali alguém especial. Além disso, a presença dos três era uma fonte de estímulo; ficaram muito amigos e não queriam se dispersar, ao menos não até que esse propósito conjunto fosse alcançado. Afinal: eles eram Reis. Os Reis perseveraram sempre em um bom intuito.

Com a difusão da notícia não-oficial e verdadeira, de que haveria um Novo Rei e que três Reis Magos haviam aparecido do nada para encontrá-Lo, tendo tantas testemunhas visto os três, não tardou para que logo o boato fosse disseminado como uma profecia. O Rei Herodes, furiosíssimo e incapaz de conter que a notícia se espalhasse como pólvora, achando que aqueles três Reis

Magos já estivessem a esta altura a léguas dali, começou a discutir com seu conselho e com Roma a necessidade de acabar com aquela lenda antes que desembocasse em uma revolução. Preparou um relatório para Roma, que conduzia a uma recomendação que só um rei muito cruel poderia conceber: matar todas as crianças nascidas um ano atrás, para confirmá-lo a si mesmo como o Novo Rei apontado pelos Reis Magos e acabar de uma vez por todas com aquela possibilidade de insurreição! No Relatório, Herodes dizia que a autoridade de César, o Imperador Romano, também estaria em risco caso ele perdesse o controle sobre toda a região além da Judeia, como em um "efeito dominó". Herodes pediu para colocar grifos a essa expressão que ele julgava ter sido cunhada somente por um gênio como ele mesmo.

– “Efeito dominó”! – jactava-se ele, como se essa expressão fosse algo elegante.

Felizmente, o portador da mensagem de Herodes a Roma parou para descansar na mesma estalagem em que estavam os Reis Magos disfarçados. Ele era um bom homem e havia ficado impressionado com a visão dos Magos. E, por ser um bom homem, estava muito insatisfeito de levar aquela mensagem, pois sabia do seu conteúdo. Pensava na grande desgraça que estava levando nas mãos, mas sabia que, se não entregasse, seria morto. Bebês morrendo... Que visão terrível, daquele Rei Herodes malvado! Pediu todo o vinho possível da estalagem naquela noite. Não queria pensar.

Os magos, sóbrios e taciturnos, observaram aquele homem depressivo, embebedando-se. Logo o reconheceram como um dos auxiliares de Herodes. Os

Reis Magos têm uma excelente memória. Pois como eram sábios, prestavam atenção em todas as pessoas e, em especial, naqueles que muitos consideram pequenos e insignificantes. Faz parte de ser Mago enxergar e ir além da maneira de pensar predominante. Além disso, o mensageiro havia sido um dos poucos que os havia recebido no Palácio com um olhar acolhedor.

Pediram ao estalajadeiro que convidassem o jovem a sentar-se com eles, e lá estava aquele moço, sentado na presença de três Grandes Reis, sem saber, chorando suas mágoas. Contou, indiretamente, sobre o conteúdo da mensagem que levava a Roma, a quem ele supunha serem mendigos que não entenderiam nada. Saiu sem dar maiores explicações.

Os Reis Magos ficaram emudecidos com a notícia de que todas as crianças

pequenas seriam mortas, caso o Império Romano acatasse a sugestão de Herodes. Saíram da estalagem e resolveram dormir no pasto dos arredores da cidade. Estavam em Nazaré.

Deitados e estarrecidos, olhavam para o céu em silêncio. Baltazar, o mais emotivo, chorava aos soluços e limpava suas lágrimas, que não paravam de lhe sair dos olhos.

– Talvez sejamos três Reis amaldiçoados – falou Gaspar.

– Não deveríamos ter comentado nada com Herodes, dissemos coisas demais, é tudo nossa culpa – concluía Melquior, sentindo um gosto amargo enquanto falava.

Então uma grande escuridão se abateu sobre os Reis, de maneira que se sentiram no mais abissal dos mundos.

– Talvez devamos morrer aqui. Fiquemos aqui até morrer, de fome, ao

relento. É a mínima punição que merecemos. E de fato estavam ali deitados de cansaço e fome, seus corpos doíam, pois, desanimados, já não comiam há alguns dias.

– Ao menos – dizia Baltazar, soluçando – esse rei desgraçado irá cair.

– Talvez não; talvez nós tenhamos enlouquecido, sejamos reis frustrados que cederam à própria loucura, e os desgraçados sejamos nós – refletiu o sábio Melquior.

Os três Reis Magos sabiam que, se aquela decisão infeliz fosse acatada, Herodes estaria assinando a sua demissão, já que a sua autoridade se tornaria totalmente embasada no medo. Sendo sábios e experientes, os Reis sabiam que o reinado de Herodes não tardaria a acabar, pois nenhum reinado longo se sustenta muito tempo sobre o medo. Mas isso não lhes consolava, porque a visão

de milhares de crianças sendo mortas era terrível demais para aqueles três homens, que haviam chegado ali trazendo todas as suas esperanças perdidas. Além disso, subitamente se viram tomados de todas as suas experiências dolorosas, de todos os desencantamentos e das perdas que viveram, da falta de sentido em toda a violência que testemunharam e que fizeram do Reinado deles um governo sem propósito. Pensaram no nada, no caos, na ausência daqueles que eles amavam. Entraram numa súbita e verdadeira depressão.

– Não pode ser – sussurrou, inconformado, Melquior, recusando-se a aceitar tudo aquilo, mirando firme a estrela.

Fechando os olhos e suspirando profundamente, Melquior sentou-se. Olhou no horizonte e, lembrando-se

da lua nova que lhe havia conferido aquela terrível vitória, observou a noite escura, iluminada tão somente pelas estrelas, e por aquela em particular. Desceu sua vista da estrela até o horizonte. Observou uma linha de casebres dos moradores dali.

De longe, viu uma das casas com a luz acesa. Já era de madrugada, o que lhe pareceu inesperado. Respirou profundamente, tentando novamente expirar todo aquele mal que havia entrado em seu espírito, e olhou para a casa. A luz da candeia saía pela janela e pela porta, que estava aberta. Melquior balançava-se para frente e para trás, como que pensando no que estava vendo.

A luz de vez em quando tremia, como a luz da estrela. Melquior começou a olhar melhor.



Para pessoas comuns, aquela seria meramente a luz de uma vela, uma luz amarelinha, tímida, tremulando.

Mas um mago perceberia imediatamente que aquela não era uma luz qualquer. Melquior percebeu rapidamente que era uma luz divina. Chamou seus dois amigos, apontando com o dedo.

Os dois olharam. Perceberam imediatamente que a luz não iluminava somente aquela soleira da porta, mas aquecia a alma deles.

– Uma luz divina! – gritou Gaspar, sem conseguir se conter.

Melquior fez um sinal sobre o lábio, olhando de soslaio para Gaspar, para desta vez fazerem silêncio. Levantou-se calmamente, ajudou Baltazar a também colocar-se de pé, seguiram Gaspar, que já estava indo adiante, e caminharam em direção ao casebre.

Aproximaram-se com muita calma. A luz do casebre era de fato quente, e estava aquecendo-os à distância! Não havia sombra de dúvida de que algo havia ali naquela casa.

Ao se aproximarem da porta para observar com cautela, para não incomodar ninguém, viram uma cena de tirar o chapéu. Uma jovem mulher, quase uma menina, muito bonita, com um aspecto cansado, balançava em seu corpo, ligeiramente para frente e para trás, um bebê de não mais que um ano de idade. Acariciava sua cabecinha, coberta de cabelinhos macios de criança novinha, e beijava sua testa com um amor inestimável. Entoava bem baixinho um cântico. O bebê piscava, caindo no sono dos anjos. Fechou os olhinhos, de cílios bem pronunciados, e dormiu. A mãe suspirou aliviada, relaxando um pouco seu

braço enquanto apoiava-se sobre a cadeira. Mas não se levantou para colocá-lo em seu berço. Olhou e contemplou o próprio filho enquanto ele dormia.

Os magos tiraram efetivamente seus chapéus, observando a linda cena, reconfortados com a voz daquela mãe, apoiados no beiral da porta. Depois que ela levantou e colocou cuidadosamente o bebê dentro do berço, virou-se para ir até a cozinha, para terminar de arrumá-la, quando viu os três homens, de cabelos ligeiramente desgrehados, exaustos, na porta da cozinha. Ela ficou paralisada por alguns momentos. Eles tentaram não assustá-la, embora não fingissem ali ser mendigos. Ela então os observou melhor, percebeu que estavam provavelmente famintos e convidou-os para entrar.

Eles olharam entre si e, claro, aceitaram. Era de madrugada, não havia

ninguém de pé no povoado. Como estavam exaustos e com fome, sentaram-se à mesa, onde a mulher lhes indicou.

Ela serviu a eles uma sopa quentinha com pequenos knaidlach, uns bolinhos deliciosos, temperados e macios que ela havia preparado com peixe. Lembraram que haviam pensado em morrer de fome, mas a cena havia lhes restaurado o espírito, de modo que acharam, ademais, ser uma impolidez recusar o convite daquela jovem senhora.

Como começaram a comer com muita educação, a moça logo percebeu que não eram mendigos comuns. Então passou a observá-los, como eles observaram a ela. De pé, de braços cruzados, Maria percebeu que eram certamente peregrinos e perguntou de onde eles vinham.

– Oriente Médio, Ásia, África – responderam os três quase que simultaneamente, tentando não olhar

para ela, para que ela não se sentisse envergonhada.

Ela percebeu pelo sotaque que eram estrangeiros que falavam a língua local. E sorria enquanto eles se satisfaziam e elogiavam a sopa.

José chegou, nesse meio tempo, também exausto, de sua oficina de marcenaria ao lado da sua casa. Quando entrou pela porta da sala, para a cozinha, e percebeu os três homens tomando a sopa, parou para entender o que estava acontecendo. Olhou para Maria.

– Peregrinos – ela respondeu, antes que ele perguntasse.

José fechou os olhos. Voltou-se para os peregrinos, que passaram a tomar a sopa ligeiramente mais devagar, observando o quanto aquela situação era inusitada. Imaginou quando em sua vida teria um dia normal ao entrar em casa. Todo dia era uma história diferente, todo dia

Maria arrumava uma história diferente, cada uma mais surreal que a outra. Uma hora eram anjos, outra hora pastores... Eles não podiam ter privacidade?! Agora, a de que recebia três peregrinos de madrugada com uma sopa.

Constatando que os homens não aparentavam serem grandes assassinos, nem pareciam ser ladrões bêbados, sentou-se com eles para tomar também uma sopa.

Pensou consigo que aqueles peregrinos nem em sonho saberiam da loucura que virou a sua vida com aquele casamento. Os peregrinos também pensavam consigo que José nem em sonho saberia da loucura por que passaram antes de chegar ali naquela mesa.

Mas lá estavam eles, sendo servidos por Maria, que aproveitou para providenciar algumas taças de vinho. Como Melquior recusou, agradecendo,

Maria lhe arrumou um pouco de leite quente com mel.

De tão cansados e desesperançados que estavam, os Reis Magos nunca tinham provado nenhuma comida nem recepção tão deliciosa quanto aquela. Despediram-se beijando as mãos de Maria, para surpresa da moça, e voltaram para o campo onde haviam deixado suas coisas e seus camelos.

Resolveram passar mais uma noite ali, sem pensar mais em desgraças. Afinal, magos não deveriam se desesperar quando encontram situações que produziram e que fogem ao controle de suas mãos. Alguma resposta surgiria.

Durante a manhã, viram raios de sol dourados saindo de oliveiras que despontavam ali por perto. Havia também passarinhos. Respiraram o ar puro e limpo da manhã, sentindo o orvalho

no capim. Andaram em silêncio por ali e resolveram voltar até a casa de Maria. Só para dar mais uma olhada.

Lá estava a moça, costurando um tapete, enquanto o Pequeno Menino brincava com alguns blocos de madeira que José havia cortado e pintado para Ele. Os Magos observaram, como se estivessem em uma aula. Jesus colocava um bloco sobre o outro, buscando equilibrá-los com perfeição. Quando passava pouco do décimo bloco, depois do décimo segundo, a torre ficava mais alta do que Ele e caía. Mas Ele não chorava. Ficava observando, concentrado. Então fazia tudo novamente. Maria olhava sorridente, enquanto costurava. Viu os peregrinos olhando pela janela, que lhe acenaram. Ela abriu-lhes novamente um sorriso e lhes perguntou se haviam tomado café da manhã. Serviu-lhes um pedaço de pão macio e algumas olivas

cozidas em vinagre e azeite. Como Maria viu que Melquior havia gostado do leite e do mel, serviu-lhe novamente. Melchior olhou para o copo de leite, satisfeito como um menino. E novamente os Reis Magos se deliciaram. E novamente se sentiram aconchegados ao ver Maria e o Menino no seu colo, concentrado e brincando com suas próprias mãos, como se eles próprios sentissem aconchegados no colo de Maria.

Maria perguntou como eles se chamavam. Eles responderam cada qual seu nome: Melquior, Baltazar e Gaspar. Muito simpática, perguntou como era o lugar de onde vinham. Olharam-se e explicaram. Haviam se dado conta de que não haviam conversado eles próprios a respeito do lugar de onde cada um vinha. O Menino observava os Magos com muita atenção, do colo de Maria, enquanto ela lhe acariciava e beijava

com naturalidade. Os Magos começaram a interagir com Ele. O Menino segurou com sua mãozinha um dos dedos de Baltazar, que foi quem Ele fitou com mais interesse, talvez por ter a cor da pele mais distinta, e lhe deu uma risada de bebê. Baltazar pegou-lhe no colo, e ali ficaram os Magos admirando e se entretendo com o Bebê. Maria aproveitou para lavar a louça e arrumar a cozinha enquanto os Magos se ocupavam.

O terrível plano de Herodes não lhes parecia naquele momento uma ameaça nem um presságio amargo do que estava por vir. Os Magos se sentiam seguros ali; era como se se sentissem também protegidos. Gaspar levantou o Menino no alto, enquanto ele jogava os braços sorrindo, e lhe trazia de volta no colo. Comentaram entre si:

– Esta mulher nos faz sentir seguros – observou Melquior.



– Sim, é natural que ela nos lembre cuidados que já nos esquecemos, boas sensações que tivemos quando bebês, com nossas mães – recordou Baltazar.

– É uma sensação extraordinária – concluiu Gaspar, suspirando relaxado.

Devolveram o Menino a Maria e observaram que, diferentemente de muitas mães daquela época, Maria interagiu com seu Filho, como se conversasse com Ele em uma linguagem própria. Eles se olhavam nos olhos.

Os Magos se entreolharam e, dado que Maria os recebeu com naturalidade, como iguais, e tendo contemplado a graça com que ela os recebia, supunham que decididamente estavam diante de uma Rainha. Pensaram se a história dela não poderia ser exatamente como a deles, a de uma Rainha. Mas ela não parecia, como eles, estar ali por expatriar-se

de seu próprio Reino. Ela parecia reinar magnífica, ali, sobre eles, sobre a casa dela.

Conversaram sobre o que podiam. Maria explicou-lhes os costumes daquela região e disse-lhes que era obrigação receber peregrinos, embora os Magos bem notassem não ter sido voluntariamente recebidos por ninguém além dela. Além disso, certamente não havia uma moça e mãe tão bonita que os alegrasse daquela forma. Engajaram-se então em uma conversa animada.

Perguntou se viram as oliveiras e se gostaram de olhar os montes. Os Magos logo começaram a lhe contar sobre seus costumes, e a ensinar cada qual sua língua. Maria repetia pequenas palavras, esforçando-se para pronunciar o que lhe ensinavam, toda cheia de graça. Enquanto Melquior, sorrindo, pedia-lhe que repetisse uma saudação, o

Bebê, para surpresa dos convivas, repetiu após Maria a mesma palavra. Todos aplaudiram e festejaram.

Feliz com o feito do Filho, Maria beijou a mão de Jesus e reverenciou-se, abaixando seus olhos e inclinando sua cabeça a Ele.

Os Magos concluíram que, estando eles ali diante de uma mulher digna como uma Rainha, ao vê-la reverenciando seu Menino, deveriam levantar-se, primeiro em sinal de respeito, segundo ajoelhar-se, em um reconhecimento bem-humorado a Maria.

Mas ao ajoelharem-se os três, algo se passou dentro deles. Deram-se conta de que, sendo Reis, era a primeira vez que todos ali se encontravam na posição de súditos. Um calor lhes tomou o corpo: sentiram a segurança da fiel disposição a alguém que, de alguma maneira, os fazia sentir protegidos.

Protegidos do mal, certamente, experimentavam eles a deliciosa sensação da devoção a um Senhor, revivendo a posição que eles haviam consagrado há tempos imemoriais nos olhos e no respeito de seus súditos. A recordação da relação entre eles e seus súditos subitamente elevou a consciência com que experimentavam aquele gesto. Sendo eles também magos, estavam surpresos consigo mesmos e com o que acabavam de fazer, pensar e provar. Eles O adoraram; e adoraram, sobretudo, a promessa de serviço que fizeram, ao ajoelhar-se perante a beleza puríssima do Amor que reinava ali.

José entrou para almoçar, limpando suas mãos com um pano, e viu a cena dos Reis Magos ajoelhados e prostrados diante de Jesus, no colo de Maria.

José balançou sua cabeça, avaliando a cena como no mínimo bizarra,

não fossem outros acontecimentos ainda mais extraordinários que vinham acontecendo até ali. Respirou fundo e pegou Jesus, colocou-O no chão, para que os Magos sentassem e brincassem com o Menino, e para que Maria servisse o almoço a todos. Afinal, José era santo à sua maneira e não cansava de se surpreender com cada coisa inusitada que calhava de acontecer justo em sua casa.

Os Magos logo festejaram vendo Jesus dar Seus primeiros passinhos e ficaram ali a repetir palavras para Jesus aprendê-las. Não cansavam de segurá-lo no colo e deixar que brincasse com suas barbas. Maria pediu que corressem a chamar seus pais, Ana e Joaquim, para virem ver Jesus andar.

Maria e José estavam muito contentes com a visita dos Magos, eram efetivamente homens muito agradáveis.



Uma semana depois, os Magos sentiam-se plenamente restaurados, como se estivessem prontos para governar novamente. Fizeram uma fogueira no campo para se reunir e debater o que tinham descoberto. Relaxados na frente do fogo, compartilharam a delícia e a novidade da sensação de ser súditos de um Menino, clamavam uns para os outros:

– Rei dos Reis Magos!

– Príncipe das Nações!

– Príncipe da Paz!

Os Magos estavam de fato muito animados com Jesus. Começaram até a planejar o futuro Dele.

– Tudo, absolutamente tudo nos trouxe até Ele. Tudo foi muito didático – disse Gaspar.

– Como será o reino Dele, Ele reinará sobre os sete reinos? – perguntava Melquior.

– Não, não, Ele há de ser Rei de um novo Reino, mais completo. Ele há de reinar sobre os corações, meu amigo! Foi assim que Ele nos resgatou da escuridão, afinal! – exclamou Gaspar, envolvido, meditando e comendo um pedaço de pele de seu polegar.

– Vejam, a Rainha Dele será sua mãe. Faremos a linda Maria a Rainha. Assim ela será invariavelmente virgem, uma virgem inviolável, não



importa o que aconteça. Porque a fonte do amor e de satisfação do Rei será a própria mãe dele! – sugeriu Baltazar.

– É perfeito! – celebraram os três, ao mesmo tempo, ao redor do fogo, queimando em seus sonhos de magos.

Melquior, pragmático, prosseguiu:

– Gaspar, você se encarregará da segurança de Maria e José. Avise a José em sonho, caso a ordem de Herodes seja aprovada por Roma. Mas para onde levá-los?

Baltazar sugeriu que fossem até o Egito, onde estariam seguros sob sua supervisão.

– Mas o Reino, e o Reino? Faremos como, esse Reino para Ele?

– Há de ser um Reino em que Ele nos socorra sempre, Melquior. Quando estivermos perdidos ou necessitados, lá estará Ele, como uma luz,

pronto a nos iluminar – sugeriu Gaspar, de pernas cruzadas em posição de lótus, tomando anotações poéticas sobre a luz, em mandarim. – Faremos Dele um Rei universal. Reinará sobre todo o mundo, sobre todos que O queiram, até sua morte em um momento derradeiro, morte de herói, de mártir...

– Gaspar, Jesus não pode morrer, isso acabará com o coração de Maria. E por que morrer? Ele há de viver eternamente! É possível, suponho que chegaram muito perto disso no Egito – sugeriu Baltazar.

– Ele mesmo poderá se desenvolver e ir muito além, poderá fazer-se uma memória viva e presente, tão tangível e presente em toda parte quanto o próprio universo, quanto a própria essência do Divino, no coração de cada ser humano – sonhou Melquior.

– É maravilhoso, termos um Rei que nasceu ali, diante dos nossos olhos, como um pequeno menino em um casebre... Jamais haverá outro assim...

– Certo – prosseguia Melquior. – Mas busquemos também outros Reis, também, com quem Ele dialogue. Reis amigos e leais, como somos amigos e nos encontramos. Ele também necessitará de amigos para convergir nos momentos de angústia.

– E Herodes? – perguntou Baltazar.

– Deixemo-lo. Talvez desista de seu plano. Nunca se sabe. Caso ele siga em frente, será para a própria perdição de seu espírito. E chega de intervir, nossa vinda aqui, embora tenha sido extremamente satisfatória, serve para mostrar que também corremos o perigo de nos equivocarmos. Deixemos que a intervenção seja a final, por meio de uma

mensagem que este Menino portará, preservando a Sua perfeição de espírito – sugeriu Gaspar. — Uma mensagem de esperança para nós e uma ajuda concreta daqueles que forem fiéis a Ele. Ele mesmo saberá lidar com Roma quando for o tempo certo. Se é que algum sábio em Roma já não sabe o que temos aqui...

Melquior, no entanto, ainda estava insatisfeito.

– Prezados, não podemos deixar as crianças serem assassinadas por um Rei que não tem segurança ao governar. Temos que corrigir nossa vinda!

– Que faremos então... Sugiro que façamos o seguinte – prosseguiu Gaspar –, tivemos acesso aos registros de nascimentos. Deixemos escapar ao mensageiro uma nota em que especificamos não só o local, que já é conhecido Belém, mas também o dia exato do nascimento do Messias.

– Assim não seremos responsáveis pela morte de centenas de crianças, mas pela morte de algumas que nasceram nesse dia, é o que você propõe, Gaspar? – chamou a atenção Baltazar.

Melquior suspirou pensativo.

– A ideia de Gaspar não é ruim. Salvamos Maria e José deste terror, com Jesus, e sobrarão dois ou três bebês. Estes, nos encarregaremos nós mesmos de fazer com que seus pais acreditem que adoeceram e morreram, mas salvamos e os levamos, nós. Assim não haverá nenhum bebê nascido em Belém para morrer.

– Herodes não irá comprar essa nota falsa – duvidou Baltazar.

– Ele não precisa, faremos a nota falsa chegar a Roma, não a ele. Roma não vai arriscar uma rebelião ou genocídio de centenas de bebês nascidos em Belém, se tiver informações específicas.

E Herodes não irá questionar Roma, que supostamente apreciará estar melhor informada que o Rei Herodes. Quando vir que a ação dele concretamente não produzirá nenhuma morte, ele acreditará que a sorte lhe favorece e espalhará de todo modo a notícia de que eliminou todas as crianças nascidas no dia apontado pelos magos pagãos e encenqueiros... A autoridade dele é preservada, ninguém morre, Jesus e as demais crianças estarão seguras.

– Eu não acho que será tão simples abduzir três crianças, Gaspar. Com que direito tiraremos essas crianças dos pais? Nem sabemos se iriam efetivamente morrer. Não temos sequer a decisão de Roma ainda – prosseguiu Baltazar.

– Convençamos os pais de que os levaremos para ser nossos herdeiros, para ensiná-los a ser sábios, e que eles

devem dizer aos demais que as crianças morreram, para a segurança deles próprios, e que nos comunicaremos enviando notícias – sugeriu Melquior. – Cuidaremos como se fossem nossos filhos. E se os pais não aceitarem, convidamos aos pais também que venham.

Baltazar parecia então contente:

– Efetivamente sempre quis um filho.

Os magos então ficaram em silêncio, recordando da suave e deliciosa sensação de segurar o Menino Jesus nos seus braços e vê-Lo andando.

– Ótimo. Faremos assim então – concluiu Melquior, enquanto observava suas anotações sobre os registros e verificava ter nascido mais três meninos no exato dia de nascimento de Jesus. Emocionado ao perceber que tudo parecia perfeitamente planejado, dobrou seus braços e levou uma das

mãos até sua boca, mirando os seus registros, contemplando tudo.

– Esperem! – gritou Baltazar. – Vamos antes alterar a data de nascimento de Jesus nos registros. Não quero que Ele corra nenhum perigo de que, adiante no futuro, alguém ou mesmo o próprio Herodes se lembre da data.

– Mas esta será a marca do Messias, quando chegar o tempo, Baltazar – recordou Gaspar. – Estas pessoas precisam se lembrar, no futuro, como Ele escapou efetivamente por meio da graça divina para cumprir com o Seu Propósito. A Verdade precisa ser preservada para ser revelada. Revelada em todos os tempos, inclusive neste.

Seus olhos brilharam no fogo crepitante.

Os Reis então se vestiram em seus melhores trajes. Foram novamente até a casa de Maria e José, levar seus presentes.

José estava limpando o piso com um esfregão quando se apoiou nele, e perguntou a Maria, em parte bem-humorado, em parte conformado, onde estariam os amigos peregrinos de Jesus, que não apareceram pela manhã.

Logo que se aproximaram, ao meio-dia. José e Maria assustaram-se em vê-los tal como os Reis se vestiam à época. Tranquilizada ao reconhecê-los, Maria foi ter com eles, buscando entender o que se passava. Entregaram a Maria, a José e a Jesus, depositando aos seus pés, com cerimônia, ouro, incenso e mirra que haviam separado como presentes. Maria e José mal podiam acreditar naquela extraordinária situação de ter abrigado a três Reis disfarçados de peregrinos! Os Magos beijaram Jesus com muito afeto, sem despedir-se, e seguiram seus caminhos, acenando ao longe. Era uma manhã fresca e

a suave brisa de Jerusalém chegava a Nazaré, acariciando seus rostos, no primeiro mês do novo ano.

Maria não conseguiria se esquecer daquele encontro. E certamente os Magos, agora súditos, jamais se esqueceriam de suas responsabilidades, de modo que seguiram desde aquele encontro muito dedicados aos trabalhos e às cartas que intercambiavam em suas linguagens mágicas. Tinham o pensamento firme e dedicado em Jesus, Maria, e em sua família. Era o que lhes trazia alento e prazer naquele novo tempo em suas vidas. Saíram de Belém cada um deles com um filho, uma família, uma alegria e paz permanente.

Por essa razão, até hoje, na véspera de todo dia de Reis Magos, 6 de janeiro, se deixa um pouco de água e



capim na janela para os cavalos e camelos dos Reis. E, na manhã do dia 6, depois de terem passado de madrugada, os Reis Magos até hoje deixam umas moedinhas, um vidrinho de perfume cheiroso de alfazema e um pote de creme gostoso para as mães massagearem as nossas costas.

Alguns diziam que eram sábios, outros, que eram loucos. Mas eram só três Reis Magos.

www.anapaulaarendt.com



Historia Completa dos Três Reis Magos

ANA PAULA ARENDT



"Logo que se aproximaram, ao meio-dia, José e Maria assustaram-se em vê-los tal como os Reis se vestiam à época. Tranqüilizada ao reconhecê-los, Maria foi ter com eles, buscando entender que se passava. Entregaram a Maria, a José e a Jesus, depositando aos seus pés, com cerimônia, ouro, incenso e mirra que haviam separado como presentes. Maria e José mal podiam acreditar naquela extraordinária situação de ter abrigado a três Reis disfarçados de peregrinos! Os Magos beijaram Jesus com muito afeto, sem despedir-se, e seguiram seus caminhos, acenando ao longe. Era uma manhã fresca e a suave brisa de Jerusalém chegava a Nazaré, acariciando seus rostos, no primeiro mês do novo ano."



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-920755-2-1



9 788592 075521